

A LINGUAGEM AUDIOVISUAL EM SALA DE AULA COMO POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Juliana Labre

Resumo: O objetivo do presente trabalho é abordar a linguagem audiovisual em sala de aula como possibilidade interdisciplinar para o ensino de Geografia. Neste estudo, é proposta uma investigação sobre como ampliar as possibilidades de articulação, informação e interação dos professores com os estudantes por meio do recurso audiovisual. Compreender as mudanças no método de ensino-aprendizagem de acordo com os avanços dos modos de informação e comunicação. Destacar que as tecnologias e as metodologias incorporadas ao saber docente modificam o papel tradicional do professor, o qual vê no decorrer do processo educacional, que sua prática pedagógica precisa estar sendo sempre reavaliada. Proporcionar uma reflexão sobre a linguagem audiovisual. A pesquisa toma como referência, a criação e o desenvolvimento do NEPAG - Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia do Colégio Pedro II, que teve início no Campus Realengo II em 2010.

Palavras-chaves: Geografia – Audiovisual – Possibilidades – NEPAG

Abstract: The objective of this study is to address the audiovisual language in the classroom as an interdisciplinary possibility to geography teaching. In this study, we propose a research on how to expand the possibilities of articulation, information and interaction between teachers and students through the visual aid. Understand the changes in the method of teaching and learning in accordance with the advances in information and communication modes. Highlight the technologies and methodologies incorporated into teaching knowledge modify the traditional role of the teacher, who sees the course of the educational process, that their teaching must always be reevaluated. Provide a reflection on the audiovisual language. The research takes as a reference, the creation and development of NEPAG - Studies and Research in Audiovisual College Pedro II Geography, which began in Realengo Campus II in 2010.

Keywords: Geography - Audiovisual - Possibilities - NEPAG

1. INTRODUÇÃO

A educação esteve, por muito tempo, presa à tradição positivista, onde se valoriza a linguagem escrita e a definia como única forma de autenticar os pensamentos e saberes e não reconhecia outros códigos – visual, oral, audiovisual – como formas alternativas de leitura e escritura do mundo.

Considerando a complexidade do momento histórico em que a sociedade vive atualmente os processos de construção decorrentes dos novos modos de ler, ver, pensar e aprender, colocam-se as mídias audiovisuais como um desafio para a escola. É fundamental encontrar, nas práticas atuais dos espaços de sala de aula, elementos que possam fornecer a relação entre o que deve ser ensinado com o método a ser ensinado.

A presença da imagem nos meios de comunicação mais presentes na contemporaneidade e o domínio da narrativa visual, através da televisão e do cinema, são evidenciados por Campos (2007): “(...) na televisão, a fala prepondera, mas a imagem tem grande importância. No cinema existe ou um equilíbrio entre fala e imagem ou a imagem prepondera – e, em alguns filmes, de modo absoluto”. (p.188).

O uso das mídias vem inserido num novo espaço, onde professor e aluno constroem juntos o conhecimento e reconhecem o valor um do outro. A educação se propõe ao desafio de reconhecer novas possibilidades que as tecnologias criaram e a escola passa a ser mediadora da apropriação do audiovisual como um suporte para um novo modo de criação, expressão e comunicação.

Esse trabalho possui como referência a utilização desse material no Colégio Pedro II, unidade de Realengo, no Estado do Rio de Janeiro, onde foi criado, em 2010, o NEPAG - Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia. Núcleo esse que conta com participação ativa dos alunos que já desenvolveram trabalhos, com o auxílio dos professores de Geografia em especial o coordenador do núcleo, o professor Yan Navarro.

O que interessa aqui é abordar os relacionamentos entre comunicação e educação a partir da experiência audiovisual nos espaços educativos, apontando o uso das mídias audiovisuais como um desafio importante para a escola, pois, apesar de todas as mudanças sociais e tecnológicas, um processo como esse de produção audiovisual no espaço escolar foge do quadro em que a escola se encontra habituada por práticas antigas que há muito tempo agem no ambiente escolar separando os saberes.

2. O MATERIAL AUDIOVISUAL E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

No que diz respeito à educação, a Geografia, tem como característica formular críticas a despeito das relações e articulações sociais no sentido de estar transformando e melhorando essas relações, sendo um dos principais agentes nas conquistas e mudanças sociais.

Castellar e Vilhena (2010, p.18) argumentam que: “a educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos”.

Diante de tantos objetivos, a Geografia desempenha o seu papel social, articulando as relações, através do ensino da Geografia. Transforma-se os sujeitos, que antes estavam “neutros”, em pensadores. O objetivo principal do ensino dessa ciência deve ser esse e cabe ao professor transpor essa personalidade geográfica e levar os alunos a um nível de pensadores críticos e atuantes na sociedade.

Nessas condições, de acordo com Vessentini (1999, p. 22),

“[...] é extremamente importante, muito mais do que no passado, que haja no sistema escolar uma disciplina voltada para levar o educando a compreender o mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os econômico-culturais”.

Com base nessa citação, confirma-se a extrema importância da Geografia estar atuando no meio social – neste caso o papel da Geografia como disciplina escolar. A Geografia deve desempenhar o papel de transformador das condições sociais, trabalhando com a realidade e possíveis soluções para questões sociais.

Conforme encontramos no PCN,

“A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Nesse sentido assume grande relevância dentro do contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em sua meta de buscar um ensino para a conquista da cidadania brasileira.” (BRASIL/SEF, 1998, p.26)

A Geografia pode contribuir com a sociedade a partir do momento em que estuda e analisa o meio geográfico, buscando compreender as relações sociedade / natureza. O aluno analisará a relação humana na natureza e, assim, terá um posicionamento crítico diante dos acontecimentos ocorridos.

A Educação Geográfica torna-se mais significativa para o aluno, quando este se vê dentro do processo de ensino-aprendizagem, com suas experiências vividas valorizadas, observando como a Geografia contribui para o entendimento do mundo e da realidade vivida, capacitando-o também para a transformação da mesma.

Ao escrever sobre a importância do ensino da Geografia, Straforini (2004, p. 51) esclarece que:

“Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.”

Mediante a citação apresentada, compreender que o ensino da Geografia é imprescindível para a formação da cidadania e para as análises social, econômica, política, ambiental e cultural é fundamental. Não é possível afirmar que a Geografia escolar é a Geografia que realmente queremos para nossos educandos, mas, dia-a-dia ela vem lutando para conquistar o seu reconhecimento na sociedade.

O professor deve vencer o pensamento de Geografia estática que foi por muito tempo repassado nas escolas. É preciso instigar a curiosidade do aluno para que ele possa trazer suas indagações e conclusões para a sala de aula, contribuindo e gerando um espaço onde haja trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes.

Monbeig (1956, pg.20) afirma que:

“para um mundo moderno convém um ensino moderno e a Geografia é uma interrogação permanente no mundo. A evolução do ensino da Geografia, nesse sentido, é facilitada pelos contatos de todo o gênero que tem a mocidade com os problemas do dia. A conversação em família e alguns meios, o rádio, a televisão, os jornais, as atualidades cinematográficas mergulham os jovens, nesse banho de inquietação, pelo menos no que se refere aos debates econômicos. Não é fácil ao professor aproveitar-se disso para animar o seu ensino. Os alunos encontrarão aí uma prova de que a vida não para na porta da classe, a qual deixará de ser um meio artificial”.

Para construir e desenvolver as aulas, são imprescindíveis recursos que auxiliem esse processo de ensino-aprendizagem, são os chamados recursos didáticos. São materiais, meios auxiliares no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, que possuem caráter instrumental, podendo ser esses componentes: o professor, os livros, os mapas, os objetos físicos, as fotografias, gravuras, os filmes, os recursos naturais e assim por diante.

O educador necessita trazer novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que não tem conexão com a realidade dos alunos

As salas de aula estão constantemente sobre processo de transformação, e na busca da melhoria do processo de ensino. O uso das tecnologias de informação e comunicação tornam-se ferramentas indispensáveis para esse avanço.

Segundo Porto (2002) é necessário superar o uso das novas tecnologias apenas como recursos auxiliares de um ensino preocupado somente com a transmissão do conhecimento.

O que vale ressaltar aqui é que a partir do momento em que se introduz as mídias como ferramenta, se vive um momento histórico, já que durante muito tempo as mesmas eram utilizadas para solucionar problemas educacionais e não para participar na construção do conhecimento. Atualmente, é substancial pensar em seu uso para proporcionar mudanças no ambiente escolar e no método de ensino. “As pessoas em interação com as mídias tornam-se mediadoras destas, assim como as mídias tornam-se mediadoras entre as pessoas” (PORTO, 2002, p.3).

Segundo Cavalcanti (2008, p.16), as tecnologias da informação e comunicação desempenham um papel importante para o processo de aprendizagem, uma vez que a quantidade de conteúdo disponível ao aluno passa a ser global e, praticamente, instantânea; entretanto, com o risco de se tornar elemento de "universalização dos gostos". Sendo assim, podemos considerar que o uso das TICs, em especial, os recursos audiovisuais, possuem grande potencial didático para o ensino de Geografia.

Para reforçar a utilização de métodos didáticos diferenciados, como auxiliares no processo de construção do conhecimento, um objetivo apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ressalta a importância da utilização desses recursos:

“utilizar as diferentes linguagens: verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal. Como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo as diferentes intenções e situações de comunicação”. (Parâmetros Curriculares Nacionais)

O uso do material audiovisual não pode ser visto como instrumento utilizado em uma "aula especial", pelo contrário, deve ser portanto, introduzido no cotidiano do ambiente escolar. O material audiovisual no ambiente escolar deve ser presente naturalmente assim como no

cotidiano de professores e alunos. Ao se tornar constante no processo da aprendizagem, essa atividade pode ajudar na transformação da comunicação entre professor aluno. Esse tipo de recurso didático insere o aluno como agente direto no processo de construção do conhecimento junto ao seu professor.

Sendo esse o objetivo do material audiovisual, Moran (1995) aponta formas incorretas de trabalhar o filme em sala de aula:

“tratar a linguagem cinematográfica como se fosse um vídeo tapa buracos, ou seja, apenas com intuito de passar o tempo da aula ou na ausência do professor. O vídeo enrolação, que não condiz com a disciplina tratada em sala de aula, sendo que faça o aluno perceber que o filme não está utilizado de maneira correta. Deste modo, existe uma infinidade de denominações para os filmes reproduzidos sem propósito pelo professor para a classe.”

De outro lado, Moran (1995) define algumas propostas de utilizações corretas:

“vídeo como sensibilização de um assunto que é desconhecido pelos alunos visando despertar a curiosidade entre eles. Outro tipo é o vídeo como ilustração capaz de exemplificar o que o professor fala em aula e o vídeo como produção, os alunos incorporam o criador e produzem um vídeo que trate sobre os seus pontos de vista sobre determinado assunto e entre outros tipos de vídeos tratados pelo autor em sua obra, com intuito educativo.”

O objetivo não é o de substituir os livros e leituras de mapas por videoaulas e animações, mas o real objetivo é reconhecer que ainda existem espaços a serem preenchidos no processo de ensino-aprendizagem e que as mídias podem ajudar no mesmo. Apesar de tão populares no nosso cotidiano, as mídias ainda encontram resistência em suas aplicações no meio escolar.

Ao produzir um “filme” associando assuntos e conceitos da Geografia, o aprendizado do aluno se identifica com a verdadeira esfera onde a Geografia se insere. É notório que a Geografia está além dos livros e até mesmo além do que pode ser passado pelo professor durante uma aula teórica. A produção desse tipo de material voltado para o estudo possibilita um ensino moderno e amplo, permitindo ao aluno expandir suas habilidades e se apropriar de novos conhecimentos.

Enfim, “o papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos” (BARBOSA, 2008, p.112).

Este é um desafio que a escola deve procurar resolver e identificar como, ampliação das possibilidades comunicacionais no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em sala de aula, entendendo esta como espaço de observação, reflexão e análise capaz de transformar as ações pedagógicas, quando professores e alunos, juntos, são ao mesmo tempo, pesquisador, produtor/receptor, autor e intérprete de sua história.

Infelizmente a mídia ainda encontra resistência para ser inserida no ambiente escolar. Todas as dificuldades ou desculpas são possíveis quando se trata de sua inclusão, mesmo que esta apresente tantos fatores técnicos, pedagógicos, sociais e econômicos a seu favor, seja para a produção de videoaulas ou para criação de material didático ou de arquivo.

3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS, COMO O AUDIOVISUAL, NO COTIDIANO ESCOLAR.

No contexto da educação tradicional o aluno vai até a escola com a cabeça essencialmente vazia e é papel da escola colocar à disposição conhecimentos e habilidades, testando periodicamente a apropriação desses.

Nesse modelo, o papel ativo é exercido pelo professor; o aluno é um elemento passivo, um simples receptor dos pacotes de informação preparados pelo sistema educacional. Há poucas oportunidades de criação e criticidade por meio dos alunos. O conhecimento é dividido em classificações onde não há possibilidade de interdisciplinaridade.

O contexto onde os recursos tecnológicos, e no caso específico deste trabalho o audiovisual, começa a ser inserido na escola é um momento de mudanças na sociedade, onde o volume de informações de todos os tipos estão disponíveis aos cidadãos.

A escola então, tem que ser um ambiente “inteligente”, rico em recursos, um lugar onde os alunos poderão construir os seus conhecimentos, utilizando os novos meios na busca de uma interatividade no processo do seu ensino-aprendizagem.

Nesse contexto ocorre a mudança do papel do professor que, a medida que passa a utilizar às tecnologias de informação e entrega o conhecimento ao aluno, o educador se liberta para se tornar um guia do aluno, um conselheiro, aumentando a participação ativa do seu educando.

No entanto, ainda há uma problemática que envolve a formação inicial do professor para o uso das tecnologias de comunicação e informação. Isso mostra que as transformações que vêm ocorrendo nos diversos campos da sociedade estão interligadas ao desenvolvimento tecnológico e como consequência o aumento da competitividade por um lugar no mercado de trabalho que passa a exigir novas posturas, tanto da escola, quanto do professor, tornando necessária a incorporação à prática educativa de tais avanços tecnológicos. É imprescindível destacar algumas deficiências apresentadas pelos professores no uso destas tecnologias, como também os motivos que os levam a apresentar tais limitações.

Muitas escolas,

(...) estão abandonadas, os professores sem condições de trabalho, salário e formação; estão, portanto, em condições frágeis para responderem criticamente à forte pressão, por um lado, das indústrias de equipamentos e cultura e, por outro, dos próprios estudantes, no sentido de incorporarem os novos recursos do mundo da comunicação e informação. Em função dessa fragilidade, essa incorporação dá-se, na maioria das vezes, sem uma reflexão crítica sobre as suas reais necessidades, objetivos e possibilidades. (PRETTO, 1996, p. 221)

Vale ressaltar algumas dificuldades apresentadas pelas universidades no processo da formação dos professores voltada para o uso das tecnologias e o desenvolvimento de uma cultura que valoriza os recursos tecnológicos, colocando-os como parte do cotidiano da formação docente.

Na chamada Sociedade da Informação, os processos de aquisição do conhecimento assumem um papel de destaque e passam a exigir um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender e de saber trabalhar com as novas tecnologias.

O papel do professor nesta nova realidade está relacionado a como ele interage com estas novas tecnologias, desenvolvendo atividades de interesse didático pedagógico no mundo virtual.

O professor se vê defronte ao que pode ser avaliado como um desafio ou uma grande oportunidade quando se cogita a utilização da tecnologia como mediadora na construção e difusão dos conhecimentos, e ainda, como meio que consolida a mudança de paradigmas educacionais, focando os processos de criação, gestão e regulação das diversas situações de aprendizagem criadas por estas.

Como afirma Papert (1994, p. 6),

A mesma revolução tecnológica que foi responsável pela forte necessidade de aprender melhor, oferece também os meios para adotar ações eficazes. As tecnologias de informação, desde a televisão até os computadores e todas as suas combinações, abrem oportunidades sem precedentes para a ação afim de melhorar a qualidade do ambiente de aprendizagem, (...)

Fala-se muito nessa necessidade por parte do professor, onde ele deverá estar situado no tempo, se apropriando das novas tecnologias. Porém, devemos lembrar que de uma maneira geral os educadores não foram e na maioria dos casos ainda não estão sendo preparados para tal uso. Se as mudanças no mundo são aceleradas, a desatualização acontece da mesma forma.

Alguns estudos estimam que mais ou menos em dois anos após concluir o ensino superior, qualquer profissional, se encontra desatualizado. Por isso no caso dos educadores, se torna fundamental a ideia de educação permanente ou continuada. Sendo assim, podemos deduzir que a maioria dos educadores não tiveram oportunidade de conhecer as novas tecnologias e seus diversos usos voltados à educação.

A presença do material audiovisual na escola como linguagem, torna-se então um processo complexo, na medida em que este não fez parte da formação profissional e intelectual do professor, desde o campo da ação pedagógica, passando pelo campo do domínio da tecnologia e da linguagem, até o campo do aproveitamento.

É possível perceber que existe um certo desconforto no ambiente escolar, quando se fala da utilização da tecnologia voltada para uma prática pedagógica.

Muitos professores acreditam que este recurso provocará indisciplina e diminuição da criatividade do aluno. Talvez por não dominarem totalmente a arte da tecnologia, muitos dispensam esse forte aliado se levado em conta o atual contexto em que a sociedade se encontra e nela a formação do ambiente escolar.

Quando a mídia ganha espaço na escola, o professor passa a enxergar novas possibilidades de acesso à informação e inúmeras abordagens dos conteúdos, se libertando de métodos repetitivos e tradicionais. O que o professor precisa, é desenvolver novas habilidades para atuar nesse mundo novo que se encontra inserido.

Como afirma Mercado (1999, p. 27):

“As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.”

Tudo depende do posicionamento do educador, da vontade de proporcionar ao aluno novas maneiras de aprender e o anseio por uma transformação no ensino.

Porém, não adianta inserir a tecnologia através de programas de formação se o professor não compreende a utilização da tecnologia como sua aliada na construção do conhecimento. A tecnologia deve ser utilizada como ferramenta pedagógica para ampliar capacidades e possibilidades.

Os professores devem compreender que,

“a tecnologia é capaz de ajudar o professor, mas não o substitui. Pode ajudá-lo a ensinar melhor e com melhor qualidade. Mas não reduzirá o esforço necessário na sala de aula. Pelo contrário, creio que devemos aumentar o número de professores.” (HAWKINS, 1995, p. 61)

Há necessidade de formação e aperfeiçoamento dos docentes quanto ao uso das tecnologias da informação e comunicação, para que os professores sejam capacitados para assumir o papel de facilitador da construção do conhecimento pelo aluno e não um transmissor de informações.

Para o professor Gilberto Lacerda, do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), o professor é o ator central do processo de inserção das tecnologias na escola. Afirmo o pesquisador:

“Mesmo que todos os alunos tenham computadores, se o professor não é capaz de fazer uma relação educativa consistente do seu trabalho e as ferramentas, nada funciona. O professor é o elemento mais importante, porque ele é quem dá o sentido pedagógico às coisas. Qualquer curso tecnológico tem de ser dominado por ele primeiro”.

Lacerda ainda traz a seguinte questão: “professores são cidadãos de dois mundos: usam as tecnologias fora da escola, frequentam blogs, redes sociais e, dentro da escola, não sabem como usá-las de maneira pedagógica”.

É fundamental preparar e capacitar os professores para a prática de ensino onde a tecnologia está inserida. Mais do nunca, o professor deve estabelecer objetivos claros ao utilizar tal meio. Estar sempre atualizado é tornar importante o processo de ensino-aprendizagem em todas as áreas, uma vez que alguns alunos conheçam mais a respeito do que o próprio professor. ALMEIDA, (2000, p. 109) afirma que,

“ (...) mesmo o professor preparado para utilizar o computador para a construção do conhecimento é obrigado a questionar constantemente, pois com frequência se vê diante de um equipamento cujos recursos não consegue dominar em sua totalidade. Além disso, precisa compreender e investigar os temas ou questões que surgem no contexto e que se transformam em desafios para sua prática uma vez que nem sempre são de seu domínio, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à estrutura.”

Lacerda critica cursos de graduação que ainda tem deficiência de disciplinas que preparem os professores para esse novo método de trabalho. Para ele enquanto os governos continuam mudando políticas educacionais e distribuindo diferentes tecnologias às escolas, os currículos dos cursos de graduação se mantêm os mesmos.

Analisando a problemática que envolve os cursos de licenciatura no Brasil, Candau (1997) destaca alguns elementos que podem exemplificar esse problema. Para a autora, “dentro das universidades existe uma preocupação maior com produção científica, pesquisa e pós-graduação, considerando a formação de professores uma atividade secundária, digna de menor atenção e que supõe remar contra a corrente”. Em consequência disto, constata-se o

“surgimento de uma hierarquia acadêmica onde os cientistas detêm maior prestígio, seguidos daqueles que conseguem aliar pesquisa e ensino, deixando em último lugar os profissionais ligados somente às atividades de ensino.” (CANDAU 1997)

As reflexões da autora destacam alguns dos principais problemas enfrentados pela universidade no tocante a formação de professores, de um modo geral, e que influenciam negativamente a preparação do professor, entre outras coisas, para o uso das tecnologias na sua prática educativa.

No que diz respeito à formação do professor para o uso das tecnologias e nesse estudo o uso do material audiovisual, Stahl (1997) aponta problemas como: dificuldades com o investimento para a aquisição de equipamentos, falta de professores capazes de superar preconceitos e práticas tradicionais, insistindo na rejeição à tecnologia, na reprodução de modelos que não se adequam a realidade educacional e a incapacidade de formar o professor do modo que se espera que ele atue, apresentando-lhes as tecnologias e o seu impacto na sociedade.

Para Stahl, “(...) é imprescindível que os cursos levem os professores a considerar o impacto das novas tecnologias na sociedade, e a proposta pedagógica que irá fundamentar sua inserção na escola e na sua prática docente.” (Stahl, 1997, p. 313)

Ainda sobre a problemática da formação de professores para uso das tecnologias, Stahl (1997), considera que “a inclusão de uma disciplina específica nos cursos de formação de professores parece ser o caminho para que todos os futuros professores cheguem às escolas dominando certas habilidades.” (p. 312)

Porém, somente acrescentar mais uma disciplina ao currículo, para assim tentar introduzir as tecnologias no processo de formação do professor pode ser identificada como uma ação limitada, pois os professores teriam contato com estas tecnologias num determinado momento.

Para Pretto mesmo as universidades adquirindo equipamentos audiovisuais numa velocidade intensa, o uso dos mesmos ainda é limitado devido a falta de uma política educacional que valorize a comunicação audiovisual e a inversão de prioridades, onde a estruturação para uso das tecnologias ocorre somente depois da sua compra. Ele ainda ressalta a existência de isolamento, tanto entre pessoas, práticas e setores, quanto entre ensino, pesquisa

e extensão e ainda, para a utilização dos recursos tecnológicos apenas como mais um instrumento, ou seja, simples introdução de novos materiais em práticas tradicionais de ensino.

O autor relata a necessidade do desenvolvimento de uma cultura audiovisual no interior das universidades, onde a tecnologia seja usada para a transformação do processo de produção do conhecimento e do processo educacional e que,

“O caminhar para a construção definitiva dessa cultura audiovisual não pode, no entanto, ser confundido com o movimento de criação de novas disciplinas ou ‘matérias’ nos cursos universitários – e isto pode ser estendido aos demais níveis – para ensinar vídeo, televisão ou técnicas audiovisuais. Trata-se, diferentemente disso, de desenvolver um trabalho que considere o conjunto de professores, pesquisadores, alunos, como imersos nesse mundo audiovisual e que essas questões portanto, passem a fazer parte do cotidiano universitário como parte dessa cultura e não como mais uma técnica – ou tecnologia – que precisa ser apreendida. (Preto, 1996, p. 233)”

Ele considera que não adianta repensar isoladamente as políticas audiovisuais das universidades brasileiras e sim, repensar toda política educacional universitária, cabendo às universidades repensar suas práticas de ensino, pesquisa e extensão e a sua relação com a sociedade, para que assim detenha condições de formar cidadãos que possam viver plenamente o futuro.

Conclui-se que, por si só o uso das tecnologias não é capaz de representar uma mudança pedagógica se for usada como suporte tecnológico para ilustrar a aula. Portanto é necessário que ela seja utilizada como mediadora da aprendizagem para que haja uma melhoria no processo ensino-aprendizagem.

4. COLÉGIO PEDRO II E SEU PROJETO DE UTILIZAÇÃO DO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO.

4.1 A INSTITUIÇÃO

Fundado em 2 de dezembro de 1837, o Colégio Pedro II é uma das mais tradicionais instituições públicas de ensino básico do Brasil. Ao longo de sua história, foi responsável pela formação de alunos que se destacaram por suas carreiras profissionais e influência na sociedade. Seu quadro de egressos possui presidentes da República, músicos, compositores, poetas, médicos, juristas, professores, historiadores, jornalistas dentre outros.

Em seus quase 180 anos, o Colégio passou por períodos de expansão e modernização sem deixar de lado as características que o tornaram referência no cenário educacional brasileiro. Equiparado aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, o Colégio Pedro II conta com 14 campi, sendo 12 no município do Rio de Janeiro, um em Niterói e um em Duque de Caxias, e uma unidade de educação infantil.

Com quase 13 mil alunos, o Colégio Pedro II oferece turmas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio Regular e Integrado, além da Educação de Jovens e Adultos (Proeja).

Primeiro colégio de instrução secundária, criado para ser referência de ensino no Brasil, o Colégio Pedro II conta com uma longa tradição que se confunde com a própria história do país. Do Império à República, o Colégio foi protagonista da educação nacional por meio do desenvolvimento científico, artístico e cultural da nação brasileira.

Por suas características tão peculiares e por ministrar ensino público de qualidade, o Colégio Pedro II torna-se altamente disputado pelas famílias de crianças e jovens de diversas localidades da cidade do Rio de Janeiro e, até mesmo, de municípios vizinhos. Além disso, a forma de ingresso de alunos, por sorteio, na Classe de Alfabetização, e a localização, em áreas mais populares, de algumas Unidades Escolares (Centro, Engenho Novo e São Cristóvão) possibilitam o acesso de alunos oriundos de famílias de baixa renda a uma educação pública de qualidade.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Pedro II é possível perceber a preocupação do colégio em relação ao perfil do aluno que será formado dentro do ambiente escolar assim como já foi mencionado nesse trabalho.

O PPP do Colégio Pedro II traz o papel da escola atual. Nesta virada de século, a tarefa educacional de qualificar a população para o exercício da cidadania requer da escola, a discussão e a definição de seus (próprios) pressupostos, rumos e finalidades, vistos na relação indivíduo/escola/sociedade e ancorados no conceito contemporâneo de cidadania.

O PPP assim como esse trabalho traz a importância das mudanças no ensino sem deixar de lado a qualidade do mesmo. O Colégio tem por objetivo formar cidadãos críticos, eticamente orientados para o respeito às identidades, politicamente comprometidos com a igualdade, esteticamente sensíveis à diversidade, dotados de competências e de valores capazes de mobilizá-los para a intervenção responsável na sociedade.

E como competências transdisciplinares o PPP cita de modo positivo a utilização da tecnologia quando identifica que é preciso:

- Entender os princípios das tecnologias, associando-as aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas aos quais se propõem a solucionar.
- Analisar a intervenção das tecnologias nos processos de produção e reprodução do conhecimento e da arte na vida social e na sua própria vida.
- Utilizar as tecnologias básicas de comunicação e informação como suportes das diferentes linguagens e aplicá-las na escola, no trabalho e em outros contextos.

Apesar de sua metodologia de ensino ainda bastante tradicional, durante a convivência com os alunos foi possível perceber que este modelo não estava sendo satisfatório para o processo de ensino-aprendizagem do aluno onde ele é, e se sente parte desse processo.

4.2 A CRIAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO NEPAG

Surge portanto, o NEPAG - Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia, que teve início no Campus Realengo II em 2010, a partir da articulação de professores dos Departamento de Geografia e de Informática. O objetivo era ofertar o ensino da disciplina de Geografia de maneira diferenciada e interdisciplinar. O NEPAG Vincula-se, pedagogicamente, ao Departamento de Geografia e, administrativamente à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC).

A criação desse núcleo está relacionada ao projeto de dedicação exclusiva do professor de Geografia Yan Navarro da Fonseca Paixão, que tinha inicialmente como objetivo a produção colaborativa de filmes com os alunos.

O Núcleo estimula a pesquisa e produção por parte dos alunos de diversas mídias, sempre de forma ativa e colaborativa, a partir de temáticas abordadas em sala de aula.

4.2.1 Impacto da criação do NEPAG para a instituição.

Nas reuniões do Departamento de Geografia passou-se a refletir sobre a criação de um grupo de pesquisa, com 3 linhas bem definidas: “O Colégio Pedro II e o currículo da disciplina escolar Geografia”; a “Revista Eletrônica” e a linha “Estudos das Práticas Pedagógicas”, onde

seriam incluídas Mídia e Educação (NEPAG), Meio Ambiente, Materiais didáticos e programas pedagógicos. O desdobramento e o impacto no Departamento de Geografia foi, portanto, bastante positivo em termos pedagógicos.

Dentro do campus Realengo II houve inicialmente um estranhamento, pois poucos professores de fato transformavam seus projetos de dedicação exclusiva em atividades efetivamente realizadas. Mas desde o início a direção deu apoio cedendo salas de aula ou auditórios que não estavam sendo utilizadas para os encontros presenciais do NEPAG antes de possuímos nossa própria sala. Com o sucesso do projeto a direção passou a propor aos outros professores que estes criassem atividades pedagógicas extras, pois os alunos do campus Realengo II mostraram um grande interesse nesse tipo de atividades fora da sala de aula.

Um aspecto que cabe ser lembrado é em relação a reflexão que o NEPAG gerou na escola sobre o papel atual do professor em uma escola de Ensino Básico. De acordo com Guimarães (2013, p. 221) as crianças que frequentam as escolas atualmente são formadas “no compasso vertiginoso dos artefatos midiáticos”. O que traz desafios para o modo dos professores se relacionarem com os alunos e com o conhecimento. Será que os professores ainda devem se comportar como detentor ou mensageiro da verdade? O NEPAG vem mostrando que não, e os outros professores, observando o sucesso do grupo, têm procurado o professor Yan Navarro afim de buscar ideias para se trabalhar colaborativamente e criativamente em diversas disciplinas.

4.2.2 Impacto da criação do NEPAG para os educandos.

Os alunos que aceitaram voluntariamente participar do NEPAG em 2011 quando estavam no 8º ano do Ensino Fundamental mostraram-se muito empenhados em estudar para produzir um documentário de forma colaborativa. A cada encontro, os laços entre esses alunos foram se fortalecendo e em pouco tempo eles, que eram de seis turmas diferentes, passaram a agir em equipe e a se perceber como grupo.

Esse novo modelo que busca nas tecnologias da informação e comunicação formas criativas de se aprender e ensinar Geografia implica em novas formas de sociabilidade, que só fazem sentido em ambientes colaborativos. Para isso novas habilidades devem ser ensinadas aos alunos como: saber avaliar fontes de informação para uma pesquisa; ter capacidade de analisar criticamente conteúdos; e, sobretudo produzir seus próprios conteúdos principalmente

de forma colaborativa. No NEPAG busca-se incentivar a participação e a criatividade dos membros, porém respeitando suas particularidades e habilidades.

O papel do professor centralizador dos debates e decisões do grupo de pesquisa passa a ser então o de um membro do grupo mais experiente, que também opina e conversa com os demais sem se colocar como superior.

4.2.3 Impacto da criação do NEPAG na participação das famílias.

Em seu trabalho, Yan Navarro faz a seguinte consideração em que, um projeto onde um grupo de pesquisa é formado dentro de uma escola e é composto por alunos do Ensino Médio e Fundamental a participação da família é indispensável por diversos fatores.

Um dos fatores é o reconhecimento da família a uma nova institucionalidade escolar, ou seja, que além da direção e dos professores, existe um grupo de pesquisa que trabalha e estuda de forma colaborativa buscando novas maneiras de ensinar e aprender dentro da escola. É a partir desse reconhecimento que os laços de confiança entre as partes se fortalecem.

A presença nas festas de lançamento dos materiais que são produzidos no NEPAG torna-se um elemento motivacional importante para as famílias e para os alunos.

4.3 ENTREVISTAS

Para tornar mais densa a pesquisa, foi necessária a realização de entrevistas com o aluno Daniel Calarco que retrata seu ponto de vista como um aluno membro do núcleo e com o professor idealizador e colaborador do NEPAG, Yan Navarro para relatar suas impressões sobre o projeto.

Ao ser perguntado sobre a escolha do Colégio Pedro II como instituição para dar prosseguimento aos seus estudos, o aluno Daniel Calarco de 18 anos, que ingressou na instituição em 2010, retrata pontos que colaboraram para escolha, como ensino público e disciplinas atrativas.

“É o colégio público de maior renome, ao oferecer uma educação que é referência foi minha primeira opção, pois não tenho condições de arcar com uma educação desse nível em uma instituição privada. Matérias como francês, inglês, artes e música foram meus primeiros atrativos.”

“A realidade do ensino faz jus à sua fama, mas é que na expectativa de manter a fama o problema se dá quando a escola começa a funcionar de um jeito conservador, o aluno deve ser o objetivo da escola e não manter notas e padrões altos. O Colégio está começando uma caminhada para se tornar mais humano, banuiu a jubilação, por exemplo. Mas ainda certos padrões que colocam a fama em primeiro lugar.” Ponto destacado por Daniel, ao ser perguntado sobre a forma tradicional de ensino da instituição.

Fazendo menção à importância da educação geográfica que já foi destacada nesse trabalho, Daniel identifica que:

“A Geografia propõe questões extremamente intrigantes, isso a torna fundamental para o jovem pensar a sua realidade e as realidades que o cercam. A Geografia com sua análise tanto física quanto cultural da região, sociedade, nos dá uma perspectiva única e permite debates muito interessantes.”

Daniel afirma que: “sim, é uma matéria que sempre me permitiu responder indagações pessoais sobre a sociedade e me respondeu muitos “por quê?”. O conteúdo programático do Colégio permite bastantes discussões políticas, as quais acredito serem fundamentais para a formação do jovem.”

Daniel identifica que a tecnologia em si e até mesmo o audiovisual já se encontra presente há tempos no ambiente escolar, porém o que pouco se observa é a inovação no modo de utilização dos mesmos.

“Usar recursos audiovisuais na aula não é uma grande evolução na educação, na verdade é algo bem comum. Quase que por osmose a educação aceitou o audiovisual, filmes são passados dentro do espaço da escola há muitos anos. O audiovisual só é uma evolução quando a própria forma de explorá-lo é inovadora, seja algo mais polêmico, como a transmídia, onde alunos/professores sejam parte do processo da criação, aí sim temos algo fora do que já está consolidado há anos.”

Daniel como aluno, percebe que a utilização do audiovisual como material de auxílio para o professor colabora para aumentar o interesse e participação dos alunos em aulas e projetos da instituição.

“O jovem mudou muito, e a educação, até mesmo a do Colégio Pedro II, não tem acompanhado a mudança do jovem, mas temos tentado. Projetos de pesquisa são um avanço para a formação mais ampla e tem uma procura enorme no Colégio. O NEPAG foi pioneiro e

único há uns 4 anos, mas atualmente o colégio tem dezenas de projetos e oferece muitas bolsas próprias. Esses dados mostram que o estudante precisa e está em busca de uma educação mais plural e interativa. Esse fato se repete em relação às aulas, quando mais interativa e próxima do jovem, usando mídias - obras de arte - polêmicas, se tornam mais atrativas e até mesmo esperadas com ansiedade pelos alunos.”

Sobre a criação do NEPAG, Daniel afirma acreditar que seja o primeiro passo para a mudança em todo o processo de ensino-aprendizagem.

“A criação do NEPAG foi o primeiro passo para o Colégio Pedro II entender a necessidade de uma educação multifacetada e que vai além do espaço da sala de aula. Já no panorama geral da educação, o núcleo mostra que os estudantes têm capacidade de desenvolver materiais para seus estudos, de forma dinâmica, interativa e com maior clareza. O NEPAG propôs uma mudança no protagonismo da educação do jovem, esse passa a ser agente e não apenas ouvinte. ”

“A relação entre alunos e professores tem se tornado cada vez mais de troca. Vistos como os jovens pesquisadores que são, alunos tem recebido muito destaque e atenção dos professores que estão sempre dispostos a contribuir para a pesquisa. ” – Afirma Daniel.

Perguntado sobre sua participação no NEPAG, foi possível perceber a importância dada pelo núcleo ao desenvolvimento por parte dos alunos e o reconhecimento destes.

“Eu fui um dos alunos fundadores do NEPAG. Yan Navarro, orientador do projeto, está na Espanha concluindo seu doutorado, e por isso atualmente eu tenho sido o coordenador jovem. Já fui coorientador de projetos. Minhas últimas realizações são a direção do documentário " UBUNTUS ", sobre a cultura quilombola e direitos humanos e assistência de direção do documentário " MARAVILHOSO CAOS ", sobre o trânsito carioca, mobilidade urbana e a cidade do Rio de Janeiro. ”

Por fim, Daniel afirma que a instituição, o ensino de Geografia ministrado e sua participação no NEPAG contribuem e influenciam para uma posterior escolha de carreira.

“Estudarei para trabalhar com assuntos diplomáticos e a Geografia será uma aliada. A disciplina de Geografia é muito bem consolidada no Colégio e avançada, e tem sido cada vez mais interativa e comprometida com as transformações vividas pelo jovem. Sem o NEPAG e

tantos outros projetos e programas do departamento de Geografia, não teria decidido seguir uma carreira tão complexa e concorrida. ”

O professor Yan Navarro leciona no Colégio Pedro II campus Realengo II desde o ano de 2010 e atualmente é aluno do Doutorado do Programa de pós-graduação em Geografia na UERJ e na Didáctica de las ciencias sociales y experimentales da Universidad de Valencia na Espanha.

Perguntado sobre o papel do ensino de Geografia na sociedade brasileira atual, Yan Navarro identificou a necessidade primária de compreender o papel da educação. Para isso, abordou aspectos como: a educação voltada para testes de habilidades e uma educação voltada à formação crítica do cidadão.

“a educação como uma preparação para testes e provas e para o mercado de trabalho. Nesse enfoque o papel da Geografia é muito mais de ser uma disciplina de apoio a outras “mais importantes” como matemática, inglês e português do que fazer uma “alfabetização espacial”, expressão que está na moda na Europa. Dessa forma uma perspectiva de ensino em que o aluno busque a reflexão sobre o espaço – note que não utilizei a expressão crítica - que é deixada de lado em prol de um treinamento para testes internacionais como o PISA ou para atuar no mercado de trabalho considerado de ponta.”

“a educação com o objetivo de formar cidadãos que questionem e desejem transformar a sociedade atual. Nessa perspectiva o ensino de Geografia é muito importante, pois é ele que vai mostrar para os alunos como a sociedade atua sobre o espaço, podendo abordar aspectos ambientais, econômicos e sociais de forma integrada. O aluno que foi alfabetizado espacialmente possui a capacidade de, mais do que se localizar no espaço, entender as dinâmicas territoriais que levaram a sociedade a ser o que é. O professor de Geografia pode atualmente, fazer um recorte espacial ou um trabalho de campo e perguntar ao aluno de 7º ano: Qual a relação entre o solo desse lugar, o clima, a ocupação do espaço e as atividades econômicas? Em todos os lugares do mundo com as mesmas características físicas foram desenvolvidas as mesmas atividades econômicas? – Só com essas duas perguntas podemos tratar de aspectos ambientais, sociais e econômicos utilizando um GPS, um programa de geoprocessamento ou o Google Earth tratando sobre o determinismo geográfico.”

Yan destaca o problema da falta de espaço ou reconhecimento da Geografia no ambiente escolar e como isso se resulta de maneira insatisfatória para a formação dos jovens cidadãos.

“ Não, a Geografia não tem tido espaço satisfatório na formação dos jovens, em especial os mais pobres. ”

O professor conta que sempre fez uso de filmes para ministrar suas aulas, porém percebia a necessidade de um uso mais elaborado das tecnologias. Yan destaca aspectos que, tornaram durante um tempo essa utilização fora do alcance de seus alunos.

“Logo após completar a graduação já passei a utilizar trechos de filmes nas minhas aulas. Entretanto, sempre achei um uso muito pobre. Sempre tive a vontade de produzir audiovisual com os alunos, mas as limitações técnicas e econômicas com as quais me deparei tornavam um trabalho impossível. No ano de 2010 as tecnologias de baixo custo já eram mais acessíveis aos alunos, o que me permitiu trabalhar com a produção audiovisual colaborativa. ”

É importante destacar que, o professor em nenhum momento da sua trajetória acadêmica teve uma disciplina voltada para utilização dos recursos tecnológicos como material didático, e que o mesmo afirma ainda existir um grande preconceito sobre essa nova abordagem, problema esse que já foi comentado anteriormente nesse trabalho.

A relação professor e aluno sofre mudança a partir do momento em que se percebe que a troca de conhecimento é essencial para construção ou melhoria do ensino-aprendizagem. O material audiovisual na visão do professor Yan, contribuiu nessa questão.

“A relação de confiança aumentou. Não posso coordenar todos os projetos e nem ter acesso a todos os detalhes, devo então confiar nos alunos e depois debater o material produzido. O aluno passa a se sentir mais responsável pelo seu trabalho, e a confiança leva ao respeito mútuo – muito mais interessante do que o respeito à autoridade do professor. As relações são cada vez mais horizontais na sociedade, a escola deve buscar o amadurecimento dos alunos para que a hierarquia seja cada vez menor, e a produção audiovisual colaborativa leva naturalmente a esse caminho.”

Num primeiro momento, o NEPAG não contou com o total apoio esperado e o professor Yan destaca que ao longo de sua implantação é que foi possível perceber que o NEPAG trazia mudanças positivas ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia e em geral para a instituição.

“No início não tive nenhum apoio direto. E com o NEPAG o Colégio Pedro II passou a disponibilizar um apoio mais forte aos docentes, ou seja, o NEPAG foi o propulsor da mudança dentro do Colégio Pedro II.”

“As dificuldades foram a falta de apoio institucional (que só veio após o NEPAG começar a se destacar nas premiações que conquistamos), a falta de equipamentos e a desconfiança e críticas de muitos de meus colegas que não entendiam inicialmente o NEPAG.

“O lado positivo foi o desenvolvimento dos alunos no campo acadêmico e pessoal – e meu também – assim como o desenvolvimento de uma nova maneira de ser ensinar Geografia utilizando uma nova ferramenta: a narrativa transmídia. Em breve a forma como ensinamos Geografia em alto nível irá sofrer uma transformação gerada pela inserção da narrativa transmídia. E o NEPAG é hoje uma referência para essa transformação em âmbito nacional e internacional.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ediana Rodrigues de Souza **A formação dos professores das classes especiais para o uso do computador na sala de aula.** Recife: UFPE, Projeto de dissertação do mestrado em Educação, 2002.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações do inesperado. IN: CARLOS. Ana Fani Alessandri. (org) **A Geografia na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2008.

CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de Cinema e Televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CANDAU, Vera Maria. Universidade e formação de professores: que rumos tomar. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

CASTELLAR, Sônia & VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. **Educação Audiovisual Popular no Brasil: Panorama, 1990-2009**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

COLÉGIO PEDRO II. **História do CPII**. Disponível em <http://www.cp2.g12.br/historia_cp2.html>. Acesso em 12 set. 2015.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de Geografia. In: Albuquerque M.; Ferreira, J. (Org.). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. 1ed. João Pessoa: Editora Mídia, 2013, v. 1, p. 219-240.

HAWKINS, Jan. O uso de novas tecnologias na educação. **Revista TB**, Rio de Janeiro, v.120, p. 57-70, jan-mar, 1995.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MONBEIG, Pierre. **Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa**. I.B.G.E- Conselho Nacional de Geografia; 1956

MORAN, José Manuel. Mudanças na comunicação pessoal. São Paulo: Paulinas, 1995.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PORTO, Tania Maria Esperon As mídias e os processos comunicacionais na formação docente na escola. In: **Reunião Anual da ANPEd**, 25. Caxambu: CD-Rom, 2002.

PRETTO, Nelson de. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Campinas: Papirus, 1996.

STAHL, Marimar. Formação de professores para uso das novas tecnologias de comunicação e informação. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas series iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.